

## 21 anos de Plano Real

“Lembro o que diziam as cartilhas da Escola Estadual Ministro Oscar Pedroso Horta, nas quais eu me inspirei tanto:

“Enquanto os preços dos produtos e das mercadorias subiam pelo elevador, os salários subiam pela escada”.

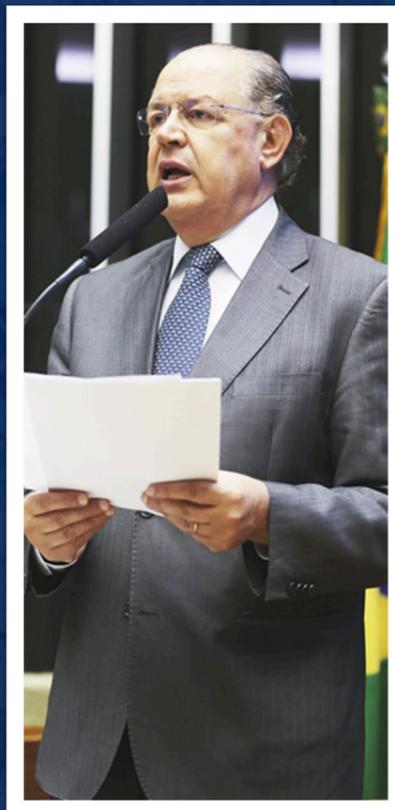
Então, o que nós combatemos foi a inflação, a hiperinflação, a falta de planejamento.

Com o Plano Real e a moeda real, nós conseguimos a estabilidade econômica.

A moeda é o povo! Um povo forte tem uma moeda forte; um povo fraco tem uma moeda fraca. Portanto, a moeda é a essência da vida de um povo forte.

A nossa moeda, o real, viu uma inflação de 145 trilhões por cento em 21 anos antes do Plano Real, e de 373% 21 anos depois do Plano Real, mesmo com a perda de controle dos últimos três Governos. Reformas, mudanças, Plano Real 2 é do que o Brasil precisa!”

*(Luiz Carlos Hauly)*



## 21 ANOS DE PLANO REAL

Homenagem organizada pelo  
Deputado Federal Luiz Carlos Hauly

Brasília - 2015

# Celebrando os 21 anos de conquistas do Real

**21 ANOS DE PLANO REAL**

- Fim da hiperinflação
- Estabilidade da economia
- Aumento do poder de compra da população
- Conquistas sociais
- Credibilidade internacional

**2016**  
VAMOS RECUPERAR  
OS IDEAIS DO  
PLANO REAL

*Deputado Haully*

**O maior e mais exitoso programa de estabilização e reforma econômica**

**Homenagem organizada pelo  
Deputado Federal Luiz Carlos Haully**

Brasília - 2015

**Moeda Real**  
**21º Aniversário**



**Na manhã do dia 14 de julho, no Plenário Ulysses Guimarães na Câmara dos Deputados, foi realizada Sessão Solene em homenagem ao 21º aniversário de lançamento da Moeda Real.**



# Sumário

Apresentação .....	07
Abertura da Sessão Solene .....	09
<b>Pronunciamentos:</b>	
Deputado Luiz Carlos Haully .....	11
Deputado Antonio Carlos Mendes Thame .....	25
Deputado Heráclito Fortes .....	30
Deputado Mauro Pereira .....	35
Deputada Mariana Carvalho .....	40
Deputado Fábio Sousa .....	42
Deputado Célio Silveira .....	47
Deputado Pauderney Avelino .....	49
Deputado Rubens Bueno .....	53
Deputado Laércio Oliveira .....	58
Deputado João Gualberto .....	62
Deputado João Campos .....	66
Deputado Izalci .....	72
Deputado Moroni Torgan .....	74
Deputado Nilson Leitão .....	78
Deputado Darcísio Perondi .....	81
Deputado Marcus Pestana .....	84



## Apresentação

**E**sta Sessão Solene é uma lembrança, uma memória viva para milhões de jovens que não conviveram com a inflação. Jovens brasileiros, crianças, a inflação é o maior inimigo do trabalhador!

O Plano Real, que trouxe a estabilidade econômica, é o plano dos trabalhadores, o plano dos pobres. Não deixem que isso se perca! Nós estamos perdendo isso hoje por falta exatamente de mudanças, de reformas, de coragem, de governabilidade, de credibilidade, de honestidade, de integridade.

Sáímos de um período de 21 anos, antes do real, em que a inflação chegou a 145.000.000.000.000%, e passamos para o período dos últimos 21 anos, em que a inflação chegou a 373% — 15 dígitos de inflação contra 3 dígitos. O ideal ainda está por ser alcançado.

Esta solenidade ficará marcada na memória da população brasileira

***Que Deus abençoe o Brasil!***

**Luiz Carlos Hauly (PSDB-PR)  
Deputado Federal**



## Abertura da Sessão Solene

**A** Sessão Solene em homenagem ao 21º aniversário do lançamento da Moeda Real foi presidida pelo Deputado Federal Luiz Carlos Haully do Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB, do estado do Paraná, que foi o requerente da presente Sessão.

Ele iniciou dizendo que a Sessão é em homenagem a um dos bens mais importantes na vida de uma nação: a estabilidade econômica, que veio com a moeda real. “A democracia, a estabilidade política e econômica são dois bens de que uma nação não pode abrir mão. Vivemos um momento de crise econômica, de crise política, mas temos que preservar a nossa moeda, o crédito e o poder de compra da população brasileira”, afirmou.

Compondo a Mesa dos trabalhos, ao lado do deputado Haully, estiveram o Deputado Antonio Carlos Mendes Thame também do PSDB, do estado de São Paulo e representantes de outros partidos políticos. Posteriormente, a Sessão foi presidida pelo Deputado Heráclito Forte.





**Deputado Luiz Carlos Hauly (PSDB-PR)**

*“O Plano Real, que trouxe a estabilidade econômica,  
é o plano dos trabalhadores, o plano dos pobres.  
Não deixem que isso se perca”*



S r. Presidente, Deputado Heráclito Fortes; ilustre Deputado Antonio Carlos Mendes Thame; ilustres Sras. e Srs. Deputados; senhoras e senhores, primeiramente, quero agradecer a aprovação do meu requerimento para realizarmos esta Sessão Solene em Homenagem ao 21º Aniversário do Lançamento da Moeda Real, que teve sua idealização no Governo do Presidente Itamar Franco e sua consolidação nos dois mandatos do Presidente Fernando Henrique Cardoso, e que teve como economistas idealizadores Pérsio Arida, André Lara Resende, Edmar Bacha, Pedro Malan e tantos outros que participaram da concepção dessa grande conquista nacional.

Desde então, estabeleceu-se uma base econômica sustentável, que permitiu ao País se instalar em um novo patamar na economia mundial, com inflação e finanças públicas controladas.

Há 21 anos, o Brasil aplicara o golpe mais certo e eficaz contra a hiperinflação, o monstro que mais oprimia nossa sociedade e nossa economia, especialmente os pobres, os trabalhadores, que foram os maiores beneficiados com a conquista da estabilidade econômica, com a inflação reduzida.

O lançamento do real foi parte de um plano econômico desenvolvido para acabar com a

hiperinflação, que chegou a 2.477,15% ao ano em 1993, de acordo com o IPCA. O sucesso do Plano foi rápido, tanto que ele deu certo, e a economia se estabilizou. Em junho de 1994, a inflação foi de 47% ao mês. Em dezembro, os preços subiram apenas 1,7%.

O plano econômico arquitetado e conduzido pelo então Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, no Governo Itamar Franco, e por uma notória equipe de economistas que já citei marcou o início de uma nova era para o País, cujo maior símbolo celebramos nesta solenidade: nossa moeda, o real, que, ao lado da democracia e da estabilidade política, é um dos bens maiores da vida de uma nação — a estabilidade da moeda, da economia, a estabilidade política e a democracia, o direito de ir e vir e o direito de expressão.

Nas décadas de 1980 e 1990, as famílias brasileiras tiveram de aprender a conviver com a crise e com a instabilidade econômica. O salário perdia poder de compra da noite para o dia; éramos obrigados, por contingência, a estocar alimentos em casa, para não corrermos o risco de chegarmos ao fim do mês sem recursos para comprar itens básicos.

Para se ter conhecimento da anomalia que era a inflação em nosso País, no período entre 1974 a 1994, até a entrada em vigor do Plano Real, ela chegou

a estratosféricos 145 trilhões por cento — 15 dígitos —, enquanto que da vigência do Plano Real até hoje atingimos 373% — três dígitos. Estamos incomodados com a ascensão da inflação a 9% ao ano. Imaginem a inflação de 80% ao mês, a inflação que tínhamos antes desse período, que ia à estratosfera de 2.477% ao ano!



Isto demonstra a clara falta de política econômica em nosso País até terem sido lançadas as medidas econômicas e fiscais que salvaram nosso Brasil da bancarrota e ajudaram a melhorar a vida de milhões de brasileiros trabalhadores. Quem ganhou e ganha com o Plano Real são os mais pobres; quem perde com a inflação, com a escalada inflacionária dos juros são os trabalhadores e os mais pobres.

O Plano Real, portanto, é o plano dos pobres, é o plano dos trabalhadores!

O imposto inflacionário não perdoava o bolso da sociedade brasileira, sobretudo o das pessoas mais desfavorecidas.

As contas públicas entraram em colapso. O Brasil não pagava o que devia aos seus credores e não tinha mais credibilidade sequer para propor novos planos de estabilização — muito semelhante ao que acontece hoje. Vários deles já haviam fracassado. Fomos reféns do círculo vicioso dos déficits crônicos associados ao descontrole de preços.

Há alguma semelhança com hoje? Toda semelhança. Sofríamos com o descrédito da moeda, que apontava para a desorganização das finanças, a paralisia produtiva e o acirramento do conflito distributivo, muito semelhante ao que está ocorrendo hoje.

Nossa moeda já havia mudado de nome algumas vezes, muitos zeros tinham sido cortados, mas os resultados almejados não eram alcançados.

Para os que estiveram à frente do Plano Real, o triste histórico dos insucessos anteriores serviu de lição. Era importante não repetir os erros do passado: Plano Cruzado, Cruzado Novo, Plano Verão, Plano Collor I, Plano Collor II.

Da elaboração do plano de estabilização econômica à adoção da nova moeda passou-se pouco mais de 1 ano, tempo em que foram implantadas as duas primeiras etapas do projeto de reestruturação da

economia, o Programa de Ação Imediata e a criação da Unidade Real de Valor — URV.

Já no primeiro mês de vigência do real os bons efeitos das medidas foram sentidos por todos. A inflação, que tinha sido de 47,43% em junho de 1994, caiu para a casa dos 6% em julho, há 21 anos, quando a nova moeda entrou em vigor. E caiu ainda mais nos meses seguintes. O povo brasileiro respirava, enfim, com sensação de alívio.

Neste Parlamento, lutamos muito para que as medidas de ajuste necessárias não fossem vistas como manobras eleitoreiras. Na ocasião, como Líder do Governo Itamar Franco e, depois, do Governo Fernando Henrique Cardoso, defendi a nova moeda ardorosa e tecnicamente e fui combatido impiedosamente pelo Partido dos Trabalhadores.

Aqui, neste plenário, tive embates com Aloizio Mercadante e com José Genoíno, que tentavam dizer que o Plano Real era eleitoreiro. Eu provei, e eles experimentaram do erro deles, da má atuação do ex-Líder Aloizio Mercadante, que conduziu a fragorosa derrota das eleições de 1994 porque não aceitou, não assumiu o Plano Real. Ele deveria ter assumido, porque o Plano Real era o plano dos trabalhadores, dos pobres.

O Plano Real foi o primeiro plano a não utilizar o congelamento de preços ou de salários. Lembro perfeitamente, porque eu estava aqui naquela oportunidade, no mês de janeiro de 1994, quando foi editada a Medida Provisória do Plano Real, primeiro com a Unidade Real de Valor e, em julho, com a nova moeda. Estivemos envolvidos em caloroso debate sobre o Plano Real.

O fato é que o Plano Real é o marco divisor da economia brasileira. Até 1994, convivíamos, havia mais de 30 anos, com a inflação sem controle e que corroía os salários. E havia uma máxima, naquela época, da Fundação Pedroso Horta — eu pertencia ao PMDB velho de guerra; não o de hoje —, que dizia: “Enquanto os salários sobem pelas escadas, os preços sobem pelos elevadores”. As máquinas não cessavam de remarcar os preços dos alimentos nos supermercados.

Com o advento do Plano Real, muda toda a discussão, toda a perspectiva do País. A estabilidade financeira e monetária, consolidada no Governo Fernando Henrique Cardoso, entre 1995 e 2002, permitiu a implantação de uma série de medidas modernizantes, que conduziram ao desenvolvimento sustentável do País.

Não imaginávamos isso, tanto os outros como eu, que acreditei no Plano desde a sua concepção,

tanto que defendi como ninguém, neste plenário, a aprovação desse projeto — durante aqueles debates acalorados, cheguei até a ser agredido, verbal e fisicamente, neste plenário, por causa da minha defesa do Plano Real, da nova moeda.

Felizmente, as vitórias que conquistávamos neste plenário rapidamente se traduziam em melhorias concretas na vida dos cidadãos. A capacidade de consumo cresceu instantaneamente, e a redução da miséria passou a ser visível.

Passados 21 anos, não podemos deixar de nos alegrar com a constatação de que parcela significativa da nossa população — os mais jovens — não tem lembrança ou conhecimento dos penosos tempos de hiperinflação. Temos uma moeda forte e uma economia que deu largos passos no rumo da estabilidade.

Somente com o Plano Real, o País reconheceu os princípios da reponsabilidade fiscal, que foi transformada em lei em maio de 2000 e hoje é um conceito indispensável para a saúde financeira nacional. Foi graças ao corajoso saneamento das finanças públicas que se tornou possível alcançar algum equilíbrio fiscal.

No entanto, manter vivas as lembranças do passado é uma forma de garantir estofos para encarar as agruras do presente.

A grandiosidade das medidas implementadas foi tão significativa que hoje, passados 21 anos, ainda colhemos seus frutos.

É bem verdade que nos últimos anos tivemos um imenso retrocesso no controle da inflação, com a falta de ajustes das contas públicas e o crescente desemprego. Uma sucessão de erros e atos irresponsáveis do Governo fez com que o País voltasse a experimentar índices indesejáveis de inflação e de desequilíbrio fiscal. E a situação tende a se agravar, caso não recoloquemos o Brasil rapidamente nos trilhos do desenvolvimento.

As sementes lançadas lá atrás, na gestão dos Presidentes Itamar Franco e Fernando Henrique, e cultivadas nos 8 anos em que o PSDB, com o Presidente Fernando Henrique Cardoso, conduziu o País, renderam bons frutos e ainda guarnecem a Nação. Mais do que um programa de governo, o Plano Real foi impulso para um novo futuro para o País.

Não podemos, pois, em nenhuma hipótese, permitir o retorno dos tempos sombrios que tanto maltrataram os trabalhadores e os pobres brasileiros.

Lembre-mos de que o descontrole dos preços e das contas públicas é prejudicial, principalmente, para os mais pobres, pois ele obstrui o processo de distribuição das riquezas, mina os ganhos do trabalhador e impede a ampliação da oferta de bons serviços públicos.

As previsões do mercado apontam para uma inflação acima de 9% neste ano; o desemprego está em alta; a renda dos trabalhadores vem caindo a 10%; o Governo gasta mais do que arrecada; e o PIB acena para um déficit de 1,5%, enquanto o mundo vai crescer 3%. Estamos diante de um cenário crítico — o político, o econômico e a corrupção — que tem de ser debelado o quanto antes.

Em contínuos pronunciamentos do plenário desta Casa, venho advertindo o Governo Federal acerca da gravidade da crise econômica, com a alta da inflação e dos preços dos produtos, a perda do poder aquisitivo dos consumidores, trabalhadores, a diminuição do nível de competitividade das empresas, entre outras consequências, e a desindustrialização do Brasil.

Sr. Presidente, Deputado Heráclito Fortes; Deputado Antonio Carlos Mendes Thame; Sras. e Srs. Deputados do PSDB, do DEM, do PSB, do PMDB e dos demais partidos presentes no plenário, o real continua sendo um grande legado para o nosso País, com suas

funções essenciais preservadas, e o cenário atual da economia levará ao seu fim.

Nossa moeda ainda se mantém como nosso principal instrumento de troca, medida de valor e reserva de valor. É hora de o Brasil reagir aos ataques que tem sofrido com a falta de uma política econômica, de reformas estruturais que não foram feitas durante os Governos Lula e Dilma.

Ao requerer a realização desta sessão solene, tive a intenção de acender, nesta Casa, mais uma chama de reflexão e de debate, a fim de que rememoremos a importância que teve o Plano Real para as conquistas e avanços que o País granjeou nesses 21 anos e que beneficiaram especialmente os trabalhadores e pobres brasileiros, bem como o quanto é fundamental acertarmos o passo desta Nação, para que voltemos a trilhar por caminhos de estabilidade, prosperidade, justiça social e paz.

Deixo consignadas minhas homenagens, meu respeito e reconhecimento ao ex-Presidente Fernando Henrique e à equipe — André Lara Resende, Pêrsio Arida e Edmar Bacha — que ele liderou na elaboração, implantação e condução do Plano Real.

A esses grandes brasileiros devemos o maior êxito da nossa história econômica e as bases mais

sólidas já construídas para a sustentabilidade e para o desenvolvimento social.

***Plano Real II já! Viva o Brasil!***

## **Deputado Antonio Carlos Mendes Thame (PSDB-SP)**

**E**m primeiro lugar, eu quero cumprimentar o Deputado Luiz Carlos Hauly, autor do presente requerimento aprovado para a realização desta sessão solene; os Deputados Federais Heráclito Fortes, Afonso Hamm, Mauro Pereira e Pauderney Avelino; todos os que estão aqui presentes e que compartilham conosco deste momento tão especial.

Em segundo lugar, eu queria cumprimentar o Deputado Luiz Carlos Hauly pela iniciativa tão feliz de se lembrar de prestar esta homenagem à moeda real pelo 21º aniversário do seu lançamento.

E quero também lembrar que foi ele mesmo que disse aqui, também circundado pelos Deputados Pauderney Avelino e Heráclito Fortes, que o Plano Real, na verdade, foi o plano dos pobres. Esta é a frase central de tudo isso que hoje estamos comemorando: o Plano Real foi o plano dos pobres.

Por quê? Porque ele combateu a hiperinflação, o pior dos impostos, o mais regressivo, o mais perverso dos impostos. Por que a inflação é o mais perverso dos

impostos? Isso é fácil de entender: se tudo aquilo que uma pessoa ganha — por exemplo, mil reais — é gasto com consumo é porque se está sujeito à inflação.

Na época da criação do Plano Real, a inflação chegava, como foi bem colocado aqui, a 40%, 50%, 60%, 80% ao mês. Nós tivemos, nos últimos anos, com o real, uma inflação acumulada de três dígitos, ao passo que, naquele período de hiperinflação, ela chegou a 15 dígitos.

Naquele período, 100% de tudo o que ganhava uma pessoa pobre era consumido pela inflação; tudo ficava sujeito à inflação; enquanto uma pessoa que ganhava mais — por exemplo, 10 mil, 20 mil, 30 mil — tinha apenas uma parte do que ganhava submetida à inflação. Ou seja, quanto mais ganhava uma pessoa, menor era a parcela da sua renda submetida à inflação.

O restante ela colocava a salvo da inflação, no overnight, na caderneta da poupança; aplicava o dinheiro, para repor a inflação e ainda render juros sobre aquele valor. Portanto, a inflação era um imposto que tornava os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. O imposto inflacionário agia sobre os pobres.

Aliás, combater a inflação não foi um desejo monocrático: “Eu quero combater a inflação”. O

Governo atual também quer combater a inflação, e não consegue. É muito mais do que isso! É uma junção de vontade e competência. Não basta uma manifestação de vontade política: “Eu quero combater a inflação”. É preciso ter competência para fazer isso.

O que estamos vendo hoje? É exatamente o risco de se colocar a perder essa grande conquista da estabilidade da moeda. Por quê? Por incompetência, por não saberem fazer aquilo que foi feito em 1994, 21 anos atrás: um plano que foi o plano dos pobres; um plano que tinha que ser administrado com competência; que tinha que promover, simultaneamente, o saneamento do sistema bancário — o que foi feito pelo PROER, sem dinheiro público, com o dinheiro dos próprios bancos, tirando os bancos podres, aqueles que não serviam, que tinham que ser fechados, e fortalecendo os bons bancos, aqueles que tinham que ser mantidos, porque o sistema bancário era absolutamente indispensável para termos uma moeda forte.

A Lei de Responsabilidade Fiscal foi o segundo ponto. Não dá para um Governo gastar mais do que arrecada. Nós estamos assistindo hoje a uma irresponsabilidade fiscal, a uma incompetência absoluta, ligada a uma falta de ética que permite que se roubem e que se desviem recursos públicos que seriam destinados a melhorar a saúde, a melhorar a

educação, a melhorar a segurança da população que dela mais necessita. Esses recursos vão para os bolsos de pessoas que estão hoje ocupando altos cargos, a serviço do partido que está no poder. Portanto, esse partido de plantão amealha esses recursos e os desvia criminosamente.

Também a administração exigia um câmbio fluante que, depois, se transformava num câmbio administrado e exigia fidúcia, confiança num Governo honesto, correto e decente.

Tudo isso nos deixa uma lição, um ensinamento daqueles que elaboraram esse plano — Pêrsio Arida, André Lara Resende, Edmar Bacha — e daqueles que ajudaram a administrá-lo — o Gustavo, o Martus Tavares e outros: para administrar bem são necessárias três qualidades, três prerrogativas das quais o povo brasileiro não pode abrir mão. A primeira, votar, eleger, escolher pessoas honestas, probas, decentes, que nos deem orgulho de dizer: “Nós somos governados com honradez, decência e honestidade”. A segunda, contar com gente competente.

Estamos, hoje, assistindo à prova da incompetência de pessoas que têm jogado no lixo o País, o emprego do trabalhador, aquele que tem a obrigação — a que, até então, com tanto esforço se dedicava — de prover o sustento da sua família, o

futuro dos seus filhos. E a terceira qualidade: sensibilidade humana e social, para que esse administrador coloque em primeiro lugar aquilo que é um problema para os pobres, como fez Fernando Henrique Cardoso, quando disse que nós tínhamos como obrigação fundamental no seu Governo acabar com a inflação.

Por isso, eu quero mais uma vez ressaltar os méritos desse excepcional Deputado, Luiz Carlos Hauly, que teve a feliz ideia de lembrar para essas gerações que não sabem, não conhecem, a dificuldade que foi extirpar esse mal maior, que foi o imposto inflacionário.

***Muito obrigado, Srs. Deputados.***

## Deputado Heráclito Fortes (PSB-PI)

**S**r. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares, aparentemente este plenário está vazio, o que seria um contrassenso para uma data tão importante. Porém, simbolicamente, ele está completo.

Nós temos aqui, na pessoa da Elloá, assessora do Deputado Haully que tem 24 anos, o símbolo da geração que não conviveu com a inflação, graças a Deus. E temos ali três pessoas de cabelos brancos que sentiram, ao longo de parte da sua vida, o que era a famigerada inflação. Enquanto eles dormiam, o dragão comia os seus salários. Para mim, são dois símbolos que completam esta data: os oriundos desse período e os que, graças a Deus, não conviveram com ele.

Aliás, é muito difícil contar para a geração nova o que é a inflação. Eles não entendem. Deputado Mendes Thame, esta é uma geração privilegiada, a da Elloá: não conheceu inflação, não conheceu tortura e sabe muito pouco o que é ideologia. É uma geração pragmática, comandada pelos encantos e pelo mistério da máquina que é o computador — o seu dicionário, a sua biblioteca é o iPad. Mas não querem, porque

ouviram dos seus pais e dos mais velhos, nem ouvir falar em tortura e em inflação.

Meu caro Deputado Pauderney, eu fui testemunha ocular do nascedouro desse processo de reestabilização da moeda brasileira e quero dar um testemunho. O Plano Real saiu no momento de maior descrença, no momento em que poucos acreditavam nele, até porque a comandá-lo era um sociólogo, alguém não afeito aos números. Além disso, o Brasil saía de um momento em que vários planos tinham fracassado: Plano Collor, Plano Verão, Plano Bresser, confisco de poupança. O brasileiro estava “por aqui” com tentativas de novos planos.

Pois bem, a coragem e a determinação de Fernando Henrique Cardoso de tentar esse plano definitivo, aos poucos, foram conquistando a confiança do povo brasileiro.

Naquela época, meu Presidente Luiz Carlos Hauly, dava-se como favas contadas o que finalmente aconteceu, aquilo com que o Brasil teve que conviver 8 anos depois: a chegada do PT ao Poder. Naquele momento, o PT se sentia dono do pedaço. O Plano foi lançado em julho, e, em seguida, sua credibilidade foi tão grande que, em princípio, mesmo a contragosto, Fernando Henrique não teve outra opção a não ser

atender ao chamamento do povo brasileiro para ser candidato a Presidente da República.

No começo, meu caro Deputado Haully, nem o seu partido acreditava, nem o seu partido queria; foi preciso que a figura de Luís Eduardo Magalhães comandasse esse processo de redenção de expectativa. E Fernando Henrique Cardoso saiu vitorioso naquele pleito, para o bem do Brasil, tomando medidas duras, assumindo a figura da responsabilidade fiscal — anos depois, a atual Presidente resolveu desrespeitá-la e está aí envolvida nas barras dos tribunais com a famosa “pedalada”.

A responsabilidade fiscal era dura, cruel, mas necessária, porque, sem ela, nós iríamos ter a repetição permanente de planos frustrados. Foi muita coragem!

E digo mais: Fernando Henrique Cardoso, ao final do seu segundo mandato, deixou herança grande para o seu sucessor. É como ouvimos por aí: o pai rico deixa para o filho perdulário a fortuna, e o filho perdulário só gasta, só esbanja, só esnoba; não produz. Não existe fortuna no mundo que resista a isso por muito tempo.

E o que nós vimos foi isto, meu caro Haully: 12 anos de clube de falsa felicidade, de enganação ao povo brasileiro. Os mais precavidos sabiam no que isso

ia dar. Jogaram o cesto de pedra para cima, e elas estão caindo na cabeça dos autores da atitude.

Fernando Henrique Cardoso hoje está na história do Brasil e é respeitado pelo mundo inteiro. Foi testemunha, inclusive, da homenagem que ele recebeu como Homem do Ano, em Nova Iorque. Os seus sucessores estão se desviando das barras da Justiça; alguns, já presos; outros, com prisão decretada. Dois destinos, dois fins, para dois períodos históricos deste Brasil: de um, nós temos orgulho de ter participado; quanto ao outro, nós damos graças a Deus por com ele não ter convivido.

Portanto, meus caros amigos aqui presentes, esta é uma sessão histórica, esta é uma sessão que deve ficar na memória desta Nação, porque o Brasil fez o seu dever de casa até o final do Governo Fernando Henrique, e o seu sucessor, enquanto deu continuidade aos parâmetros por Fernando Henrique implantados, colocando Henrique Meirelles no Banco Central e seguindo a sua política econômica, foi bem, mas, quando quis desafiar a lei da gravidade, deu no que deu.

Portanto, ao participar deste ato, eu quero prestar a minha homenagem individual e pessoal a Itamar Franco, a Fernando Henrique Cardoso, a Pedro

Malan e a todos os demais que compuseram esse concerto econômico salvador do Brasil.

E quero dizer também que feliz é o país que pode ter um estadista como Fernando Henrique Cardoso, que, em silêncio, durante quase 10 anos, viu o Governo tentar desvirtuar a sua imagem, destruir o seu trabalho. Mas ele sabe muito bem que, mais cedo ou mais tarde, a virtude triunfa sempre, e o Brasil hoje o reverencia como o líder dos últimos 100 anos.

Sr. Presidente, quero fazer um elogio de corpo presente — coisa que não é do meu feitio — a V.Exa. pela memória, pelo reconhecimento. Nada mais bonito em um homem público do que o reconhecimento e a gratidão: o reconhecimento pelo gesto, pela atitude corajosa; a gratidão pelo que este Plano fez não para V.Exa., mas para o País. De forma que o Paraná está de parabéns por tê-lo nesta Casa.

E lembro nesta data, nos 21 anos do Plano Real, o momento histórico que a nossa geração viveu e vive até hoje com o Plano Real.

***Muito obrigado.***

## Deputado Mauro Pereira (PMDB-RS)

**S**r. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, quero saudar, na oportunidade desta sessão, o nobre colega Deputado Luiz Carlos Hauly por esta importante homenagem. Quero agradecer, primeiro, ao meu Líder, Deputado Leonardo Picciani, por me conceder a oportunidade de falar pelo PMDB.

Sr. Presidente, neste momento tão grave que atravessa a Nação, quando a economia patina, a inflação dá os primeiros sinais de descontrole, o desemprego cresce e a população experimenta uma queda acentuada no seu poder aquisitivo, é sempre bom lembrar o lançamento do mais bem-sucedido plano de estabilização econômica da história do País, o Plano Real, que mudou as nossas vidas e os rumos do Brasil.

Quando o Plano Real começou a ser esboçado, durante o Governo do nosso Presidente Itamar Franco, o Brasil vivia às voltas com o drama da hiperinflação, que chegou a atingir o patamar estratosférico de 85% ao mês. A distorção dos preços era tamanha que ninguém tinha noção do valor real dos bens e serviços. Os mais prejudicados eram aqueles que não tinham

acesso ao sistema bancário e ao mecanismo da correção monetária. Aos trabalhadores mais pobres só restava correr para os supermercados no dia do recebimento do salário, numa tentativa desesperada de evitar a rápida corrosão do valor de compra da moeda.

Era muito grande, pois, e determinante para o futuro do País o desafio abraçado pela equipe de economista liderada pelo então Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso, antes do real. Outras sete tentativas de implantação de planos ou reformas econômicas haviam sido feitas com o objetivo de frear a inflação, sem sucesso. Não havia, portanto, receita a seguir, apenas a experiência de que, comprovadamente, não funcionava.

A partida mais visível do plano consistiu na ideia genial de transformar o índice na Unidade Referencial de Valor — URV, que atualizava automaticamente todos os preços em moeda. Foi um artifício encontrado para apagar a chamada memória inflacionária. Quando a URV havia sido assimilada pela população, ela foi substituída pelo real. E dessa vez não houve apenas um corte dos zeros.

A respeito da redução das desigualdades sociais e do aumento do poder aquisitivo dos trabalhadores, eles estão alicerçados no controle da inflação. Se

houver um descontrole inflacionário, os nossos sonhos de construção de uma nação próspera e justa estarão irremediavelmente comprometidos.

Senhoras e senhores, parcela considerável da população brasileira não sabe o que é viver num ambiente de hiperinflação, não sabe ou porque era muito jovem na época, ou porque ainda não tinha nascido.

Nós, que vivemos isso, que conhecemos a extensão dos danos que esse fenômeno causa para a vida da Nação, temos o dever de fazer o que estiver ao nosso alcance para que o Brasil retome o rumo do crescimento com responsabilidade.

Quero, pois, reiterar o inteiro compromisso do PMDB de apoiar todas as iniciativas voltadas para a reorganização da economia e a defesa do poder de compra do real.

Sr. Presidente, nós estamos vivendo um momento muito difícil da nossa economia. E, sem sombra de dúvidas, quem viveu nos últimos anos antes do Plano Real sabe muito bem o que isso significava. Nós tínhamos até meio-dia um preço do automóvel, do alimento. O produto tinha que ser reajustado em 4,5% ao dia. Era uma coisa de louco! O povo vivia desesperado. A pessoa entrava no mercado, e o

funcionário já estava com a máquina de reajuste de preços.

Nós estamos vivendo hoje, infelizmente, um momento difícil da nossa economia. O Ministro Joaquim Levy e a equipe econômica têm que ter o controle da inflação, que já está chegando aos 9%. Isso não pode acontecer! Mas, ao mesmo tempo, o Ministro Joaquim Levy e a equipe econômica têm que cuidar das nossas empresas, das nossas indústrias, para que o Brasil não pare. Nós temos que unir o útil ao agradável.

Houve um descontrole da inflação, o descontrole das contas públicas no segundo mandato da Presidente Dilma Rousseff, mas agora temos que olhar para frente com responsabilidade. Responsabilidade é, sim, cuidar da inflação, mas cuidar dos nossos empregos.

Infelizmente, nós estamos perdendo uma quantidade enorme de empregos. Temos que dar um basta a isso. E esse basta passa pela mão da Presidente Dilma Rousseff, do Ministro Joaquim Levy, do nosso Vice-Presidente Michel Temer, e dos nossos bancos, BNDES, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, que têm, sim, a responsabilidade com o nosso País e com a manutenção dos nossos empregos.

Parabéns, meu colega Deputado Luiz Carlos Haully, por esta iniciativa muito importante: a lembrança do aniversário do nosso Plano Real!

***Era o que tinha a dizer.***

## Deputada Mariana Carvalho (PSDB-RO)

**S**r. Presidente, eu gostaria de parabenizar o Deputado Luiz Carlos Hauly pela Sessão Solene em Homenagem ao 21º Aniversário do Lançamento da Moeda Real.

Eu, que na época tinha 7 anos, consegui viver essas mudanças que o País teve, mudanças que são vistas no dia a dia das pessoas. Mas, infelizmente, no nosso dia a dia, hoje, com outros governantes, não conseguimos ter o que o Plano Real fez: a estabilidade econômica.

A diferença era vista no dia a dia das pessoas, até mesmo nas suas idas aos supermercados. As pessoas tiveram oportunidade de fazer compras, traçar o seu planejamento e adquirir tudo aquilo com que sonhavam ter nas suas casas. Faziam as compras sem medo de que algo que custava 10 reais, com a inflação, viesse a custar até mil reais.

Hoje nós temos a satisfação de ter o Plano Real no nosso dia a dia, fazendo essa transformação na vida das pessoas, graças aos que estiveram à frente do Plano, como os nossos economistas, o ex-Presidente Itamar Franco e, sem dúvida, o nosso Ministro na

época e nosso grande Presidente da República Fernando Henrique Cardoso.

Então, deixo meus parabéns ao Deputado Luiz Carlos Hauly pela sessão solene e, também, a todos os que fizeram parte dessa história até hoje.

## Deputado Fábio Sousa (PSDB-GO)

Sr. Presidente, Deputado Heráclito Fortes, parabênzo o Sr. Deputado Luiz Carlos Haully, colega de bancada, grande estrategista político, Secretário da Fazenda do Estado do Paraná por várias vezes e um dos Deputados mais importantes que esta Casa já teve desde a época da redemocratização até hoje, por estarmos celebrando os 21 anos do Plano Real, que trouxe finalmente a tão sonhada estabilidade econômica à nossa Nação, com a importante moeda real. Agradeço também ao Deputado Carlos Sampaio, Líder do PSDB, que me permitiu, em nome dele e no de toda a bancada, fazer este discurso.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, é com imensa satisfação que tomamos a palavra, em nome do PSDB, para homenagear nesta sessão solene os 21 anos do lançamento do Plano Real. Quis a história que a comemoração ocorresse em gravíssimo ambiente de crise política e econômica.

Assim, além de exaltar o mais eficiente programa de reforma e estabilidade econômica jamais implantado no País, a ocasião serve também ao debate

dos rumos a serem tomados, tendo por base a experiência exitosa, tendo por meta um futuro melhor.

Concebido e executado pela equipe comandada pelo então Ministro da Fazenda e hoje ex-Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, a implantação do Plano Real redundou na plena recuperação da economia brasileira, que sucumbia a uma inflação sem controle e, portanto, a uma imprevisibilidade sem limite. Impõe-se uma operação de guerra, no sentido do planejamento rigoroso da estratégia consistente na união de forças que não admitiam em hipótese alguma fracassar.

O Plano Real constitui-se basicamente na adoção de medidas combinadas, visando à estabilização da moeda e à retomada do crescimento econômico. Passou pela desindexação da economia, pelo equilíbrio fiscal, pela abertura econômica, pelo amplo e inadiável processo de privatizações, a culminar no aumento do poder aquisitivo de toda a população brasileira.

Ele foi implantado em três etapas: correção das contas públicas, criação da URV — Unidade Real do Valor, e adoção definitiva do real como nova moeda brasileira. Esse abrangente plano de austeridade, esse extraordinário programa de ajuste que se consolidou — e é bom que se frise: sem contar os direitos da classe

trabalhadora brasileira — apresentou características de extrema importância, fundamentais mesmo para o seu sucesso duradouro.

Em primeiro lugar, o Plano Real obteve apoio irrestrito da população, que confiava na capacidade e na idoneidade do seu líder eleito, trazendo credibilidade. Tendo sido exaustivamente explicado e debatido, o Plano Real mostrou-se capaz de driblar de vez a memória traumatizante e inflacionária e de conferir plena credibilidade à nova moeda, inclusive no cenário internacional.

Destaque-se ainda o fato de que o Plano Real foi inteiramente construído e aplicado dentro da lei, no espírito e no limite da lei, sendo o único plano que jamais afrontou a ordem jurídica e, por isso, jamais sofreu embargo no Poder Judiciário.

Estava dado o passo definitivo para a confiança de mercado, para a credibilidade do País. A estabilidade econômica, a moeda forte, o caminho pavimentado para o crescimento econômico, o impulso decisivo para a distribuição de renda e a inclusão social no Brasil, eis o legado do Plano Real, eis a herança bendita do Governo Fernando Henrique Cardoso.

Pois bem, Sr. Presidente, 21 anos depois, muito infelizmente, o País assiste ao retrocesso e à instalação

de uma nova crise econômica, a despeito da longevidade e da incontestável eficiência do Plano Real. Recuamos, passo a passo, para a volta da inflação, para a estagnação da economia, para o crescimento do nível do desemprego.

Os ajustes propostos pelo atual Governo, pesando sobre os ombros dos trabalhadores não contam com o respaldo da população e nem devem ter o respaldo deste Congresso.

Atolado em denúncias escabrosas de corrupção, na sequência mais assustadora jamais vista no País, o Governo da Presidente Dilma amarga o pior índice de aprovação da história da república brasileira, fatores que agravam de modo incontornável a desconfiança em torno da sua capacidade de gerir a crise política e de garantir a retomada do crescimento econômico tão essencial para a nossa Nação.

Com o impulso do Plano Real, o Governo do PT navegou alguns anos na bonança, esquecendo-se de investir em infraestrutura e de garantir aumento da produtividade, ou seja, aquilo que o Plano Real exigia dos próximos governos. Não soube aproveitar a abertura para os capitais privados nem fazer valer o poder regulatório governamental.

Preferiu medidas inadiáveis, com fins eleitoreiros e, agora, tem de se haver com o descontentamento da população e com o descalabro nas contas públicas.

Sr. Presidente, nosso pessimismo é, contudo, transitório. Continuamos a acreditar com todas as forças no potencial do Brasil e na capacidade de luta da população brasileira. Já mostramos em outro momento que, com competência e seriedade, é possível emergir do caos econômico e construir uma economia sólida e confiável.

Esperamos sinceramente que tudo se passe da melhor forma para a nossa Nação. O PSDB está, como sempre esteve, a postos para enfrentar os problemas e elaborar soluções. A experiência do Plano Real, cuja maioria hoje comemoramos, é um dos esteios desse grande projeto.

Com todos juntos, um dia teremos como realidade em nosso grande País um futuro promissor para todos.

***Muito obrigado, Sr. Presidente.***

## Deputado Célio Silveira (PSDB-GO)

**S**r. Presidente, primeiro, agradeço a V.Exa. a oportunidade.

Segundo, parablenizo o meu amigo, o Deputado Luiz Carlos Hauly, que promove nesta manhã na Câmara dos Deputados uma verdadeira aula de história da economia brasileira.

Todos os brasileiros têm muitas saudades do Plano Real, quando havia condições de se fazer o planejamento familiar, de se receber dinheiro e ir aos mercados fazer a compra do mês, ir ao posto de gasolina abastecer os carros.

Hoje, infelizmente, o atual Governo não está dando condições nenhuma à população brasileira de planejar nada. Deveriam chamar aqueles que fizeram o Plano Real para auxiliar na construção de um futuro melhor para nós todos brasileiros. Deveriam chamar o ex-Secretário de Fazenda do Estado do Paraná, um dos mais combativos e experientes Deputados desta Casa, o Deputado Luiz Carlos Hauly, para contribuir para um Brasil melhor, porque o nosso País está realmente numa situação muito difícil, principalmente os mais

pobres, aqueles que ganham menos e que hoje não planejam mais nada.

Cumprimento mais uma vez o meu amigo, Deputado Luiz Carlos Haully, por esta homenagem a uma das maiores contribuições já existentes neste País, coordenada pelo ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso e pela sua equipe econômica.

Agradeço ao Deputado Heráclito Fortes, que também me dá esta oportunidade. Parabenizo o Deputado Luiz Carlos Haully e toda a equipe econômica do PSDB, que fez o Plano Real, do qual hoje os brasileiros têm tanta saudade.

***Obrigado, Sr. Presidente.***

## Deputado Pauderney Avelino (DEM-AM)

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares, o Brasil era o país da inflação, o Brasil era um país caótico, com uma inflação em torno de 40%, 50%, 60%, até 80% ao mês. As famílias não tinham como controlar as suas finanças — imaginem o País! —, as contas públicas eram desarrumadas, não se podia garantir que aqueles números fossem verdadeiros.

Ora, Sr. Presidente, para que uma inflação se ela é o maior e o mais perverso dos impostos que um país pode ter, porque atinge sobretudo os mais humildes, os mais simples, aqueles que não têm como se defender?

O Plano Real veio em etapas e começou a regular a vida brasileira. Nos idos de 1994, eu já estava aqui e pude participar de toda aquela movimentação. E em fevereiro tivemos o início daquele plano pelo então Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, no Governo Itamar Franco, com a adoção da URV no Plano Real.

Hoje estamos comemorando 21 anos de moeda do Plano Real, moeda forte que ao longo dos anos veio

se consolidando não apenas como uma moeda, mas como um projeto de governo e um projeto de país.

Houve medidas posteriores, como a Lei de Responsabilidade Fiscal, o estabelecimento de metas para a inflação, o câmbio flutuante, o controle da dívida pública e, sobretudo, o controle da despesa pública. O País ficou organizado, teve as suas contas saneadas. Havia os esqueletos dos Estados e dos Municípios, Prefeituras que emitiam moedas, Deputado Luiz Carlos Hauly, governos que emitiam moeda. Até o INCRA emitia moeda! O Brasil era um país desorganizado.

O Plano Real saneou tudo isso, e nós pudemos ter um país em que as contas públicas estavam organizadas. Não mais havia o tique-taque das máquinas registradoras dos supermercados, mas a estabilidade de preços, que passou a existir efetivamente em nosso País, dando lugar à estabilização econômica. O Brasil passou a crescer.

A geração de jovens abaixo de 21 anos, ou abaixo de 25 anos, não conheceu a perversidade do que era a inflação, ou do que é uma inflação galopante. Com essa inflação, o servidor, o funcionário, o trabalhador ganhava um salário, e faltava dinheiro para completar o mês.

Enfim, nós hoje temos um país razoavelmente equilibrado e organizado; foram os governos subsequentes que começaram a debelar aquilo que foi o legado mais importante para o Estado brasileiro e para o povo brasileiro: o Plano Real. Esse Plano Real veio trazer a estabilidade, e os subsequentes governos do Partido dos Trabalhadores, a sua sequência de governos, começaram a demoli-lo.

Este é o legado que esse partido traz para o povo brasileiro: as contas públicas deixaram de ser respeitadas; o gasto público deixou de ser respeitado; as metas de inflação não existem mais, porque a inflação sempre extrapola a meta que está estabelecida; o gasto público não tem controle; e o câmbio disparou.

Como sobreviver num país como este, em que as pedaladas fiscais são a tônica, pedaladas essas que estão causando o problema que a Grécia está vivendo hoje, maquiando as contas públicas. Nós denunciemos. Nós fizemos ações, mas o Governo insiste em continuar as pedaladas. Agora as metas fiscais deixarão de ser cumpridas.

Ora, Sr. Presidente, lamento muito. Como eu lamento o Brasil ter chegado a essa situação. Estamos perdendo mais de uma década de trabalho duro, trabalho que foi feito com muito esforço daqueles Srs.

Deputados que aqui estavam, dos Senadores e do povo brasileiro.

Mas sempre é hora de reagir, e estamos reagindo. Vamos dizer “não” à incúria; vamos dizer “não” à falta de responsabilidade fiscal; vamos dizer “não” ao desinvestimento; vamos dizer “não” aos desvios, aos roubos, ao assalto às nossas empresas estatais.

Um dos maiores problemas não é simplesmente dizer que estão roubando, que estão desviando e que o Partido dos Trabalhadores está lavando o dinheiro da corrupção no partido. Isso é grave! É gravíssimo!

Mas nós precisamos ver que, sobretudo, está sendo desmantelado todo um sistema econômico que foi criado em nosso País, uma estabilidade econômica. Os agentes econômicos estão combalidos.

Precisamos mudar esse quadro. E eu louvo o Plano Real, que trouxe esse exemplo de como se pode transformar um país num país melhor.

***Muito obrigado, Sr. Presidente.***

## Deputado Rubens Bueno (PPS-PR)

Sr. Presidente, primeiro manifesto os meus agradecimentos ao Deputado Heráclito Fortes, que cede a sua vez, tendo em vista a reunião do Colégio de Líderes que está acontecendo neste momento.

Ao celebrar o 21º aniversário do lançamento da moeda real, o PPS expressa, principalmente, o devido reconhecimento à competência e eficácia com que, à época, o Governo enfrentou e controlou a inflação, mediante a implantação e execução do Plano Real.

Era imprescindível que se adotasse, então, um amplo e contundente programa de estabilização e reforma econômica. Congratulamo-nos com o Governo de então, sob o comando do saudoso ex-Presidente e ex-Senador pelo PPS Itamar Franco, pela sua decisão.

Entre os comprovados méritos do Plano Real incluem-se, de fato, a criação de uma moeda estável, o efetivo combate à inflação e o estabelecimento de condições mais favoráveis para a promoção do desenvolvimento do País. Foi um esforço de pessoas que pensaram o Brasil do futuro.

Durante a Presidência de Itamar, apesar de todas as dificuldades em curso na economia brasileira, o Governo já se pronunciaria de forma ousada, decisiva e inspiradora. Naquele momento, que era, com certeza, um dos mais graves da nossa história republicana, o então Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, proferiu as seguintes palavras: “O Brasil tem três problemas principais: o primeiro é a inflação, o segundo é a inflação e o terceiro é a inflação, e nós vamos acabar com a inflação”.

Merecem especial referência, entre os nomes que integraram a equipe econômica e colaboraram na elaboração e execução do Plano Real: Edmar Bacha, Gustavo Franco, André Lara Resende, Pécio Arida, Pedro Malan e Rubens Ricupero.

Muitos contribuíram, sob o comando do Presidente Itamar, para o êxito do Plano e a vitória contra a hiperinflação. O povo brasileiro, por seu turno, aprovou e reconheceu os esforços empreendidos pelo Governo para superar os problemas inflacionários, a falta de previsibilidade, a instabilidade econômica.

Outro dado distintivo daquele período de união do País para enfrentar o grande desafio de sanear as contas públicas, fortalecer a moeda nacional e garantir a estabilidade da economia foi a relação de confiança, proximidade e cooperação estabelecida entre os

Poderes Executivo e Legislativo. Este último tinha, na figura do Deputado Roberto Freire, a condução da Liderança do Governo aqui na Câmara dos Deputados.

Acima de tudo, nada foi feito sem o diálogo democrático, sem o esclarecimento da população ou em detrimento do ordenamento jurídico, muito diferente de hoje.

Ademais, há de se assinalar o relevante papel do real para a reconstrução da credibilidade do País perante o próprio povo brasileiro, o mercado financeiro e as demais entidades no âmbito nacional e internacional.

Desindexação da economia e renegociação das dívidas são apenas algumas das complexas providências a cargo do Governo e de sua equipe econômica na condução de um audacioso e bem concatenado plano de combate à inflação, estabilização da economia e retomada do crescimento.

O Plano Real, em suma, com o lançamento da nova moeda, em 30 de junho de 1994, e a introdução de um engenhoso índice de indexação da economia, a Unidade Real de Valor — URV, daria cumprimento aos seus principais objetivos, conseguindo, finalmente, conter a avassaladora sangria de recursos decorrente da espiral inflacionária.

Evidentemente, de lá para cá, muitos ajustes necessários foram corretamente efetuados; outros, no entanto, deixaram de ser feitos a tempo. Houve diversos descaminhos e retrocessos, que explicam, em parte, as dificuldades atuais do País. As taxas de juros, por exemplo, mantiveram-se exorbitantemente elevadas desde os anos 80, e hoje estão ainda mais altas, muito acima dos padrões internacionais.

No momento, após 13 anos de Governo do PT, o País volta a se afligir com a inflação, fato que se agrava ainda mais quando levamos em conta outros fatores extremamente negativos e preocupantes, como a falta de infraestrutura; os altos índices de violência e criminalidade; as carências alarmantes na área da educação e da saúde; a corrupção endêmica no Governo e até as incongruências do sistema político-eleitoral vigente.

Nós do PPS, por fim, enaltecemos mais uma vez o legado de conhecimento e experiência e os demais exemplos advindos do Plano Real, conduzido pelo Presidente Itamar Franco e pelo Ministro Fernando Henrique Cardoso, que completa 21 anos do seu lançamento.

Faz-se necessário, neste instante, que os cidadãos e cidadãs, sobretudo, recuperem a confiança nos governos e na política para além do Governo do PT

— que apequenou nosso debate e encurtou nossa visão de futuro —, de modo que seja estimulada a participação popular no processo decisório, favorecendo-se a adoção de medidas com o máximo de consciência e de responsabilidade e buscando-se, em especial, o correto direcionamento das questões relativas à economia e às finanças públicas.

## Deputado Laércio Oliveira (SD-SE)

Sr. Presidente, Deputado Luiz Carlos Hauly, nobres pares, quero saudar esta Casa e o meu País, que viveu um momento feliz quando o Plano Real trouxe ordem e progresso ao Brasil. Estou feliz porque estamos aqui celebrando este momento.

De igual modo, Sr. Presidente, acho que nós carecemos de um plano como o Plano Real, que modernize as relações de trabalho no Brasil.

Eu participei recentemente de um evento da Organização Internacional do Trabalho e quero ler para os meus pares e para os telespectadores o discurso feito pelo Presidente da Confederação Nacional dos Transportes, Clécio Andrade, muito bem apropriado para o nosso momento.

Passo a ler o discurso:

*“Já está assentado em inúmeros estudos econômico-sociais, oriundos de grandes universidades internacionais, que proteção ao trabalho e crescimento econômico não são elementos dicotômicos, e, sim, conexos”.*

*Faz-se imprescindível o equilíbrio entre esses elementos. Um não prejudica o outro; ao contrário, pode exercer influência*

*positiva sobre o outro, contribuindo para o desenvolvimento social almejado.*

*Todos sabemos o quanto é importante e fundamental um diálogo social franco, aberto e transparente, em especial no mundo do trabalho.*

*Muitas vezes, a tão temida e refutada flexibilização trabalhista atinge o objetivo da promoção da dignidade da pessoa humana de forma mais abrangente do que a pura tutela.*

*Observamos, claramente, que a tutela nem sempre promove a justiça e que muitas nações já passaram a enxergar além da simples tutela.*

*Não há como negar que o excesso de regulamentação e de encargos sociais, bem como a rigidez das normas trabalhistas, acabam por inibir a geração de empregos formais.*

*Por outro lado, o crescimento econômico é de suma importância para atingirmos o desenvolvimento social e melhores condições de trabalho. O crescimento legítimo é aquele que gera desenvolvimento social e melhoria da qualidade de vida das pessoas em todas as áreas.*

*Sabemos que o Brasil passa por uma séria crise. O País priorizou a distribuição de renda, o que aumentou a capacidade de consumo interno, resultando num crescimento de arrecadação, mas não pelo aumento da produtividade.*

*Criou-se uma falsa sensação de crescimento econômico!*

*Vivenciamos uma crise energética, temos uma infraestrutura inadequada, uma logística ineficiente e um sistema tributário*

*oneroso e pouco inteligente. Não devemos nos orgulhar do modelo trabalhista brasileiro. A nossa legislação se, por um lado, representou grandes avanços para o trabalhador, por outro, é burocrática, pouco eficaz e, em alguns casos, não é nem aplicável.*

*Entendemos que regras são fundamentais para o controle social, para a paz e para garantir a governança. No entanto, há que se cuidar para que haja total liberdade para a negociação, respeito aos direitos fundamentais do trabalho e liberdade sindical. O mundo mudou e com ele surgiram formas inovadoras de trabalho e de emprego.*

*Não propomos a quebra de direitos, e, sim, a quebra de paradigmas nas contratações, porque estamos convencidos de que isso representará um visível aprimoramento dos padrões vigentes e o ajuste das relações entre capital e trabalho.*

*A terceirização é uma delas, pois ajuda a combater a informalidade. No caso do Brasil, temos a convicção de que, através da flexibilização do trabalho, redução de encargos sociais e a terceirização, teremos o sucesso almejado. Não se pode pensar no amanhã com regras que foram aplicadas no passado, em outra conjuntura.*

*As relações de trabalho precisam estar em constante renovação e modernização. Conviver e trabalhar com a diversidade, com a inovação e com mudanças constantes e rápidas são os maiores desafios deste século. A humanidade requer isso. Haveremos de estar à altura desse desafio.*

*“Confio em que o debate responsável e respeitoso que empreendemos aqui dará frutos que se constituirão em*

*novos alicerces do mundo do trabalho e do emprego, para o bem e para o progresso da humanidade.”*

***Obrigado, Sr. Presidente.***

## Deputado João Gualberto (PSDB-BA)

Sr. Presidente, meu colega Deputado Luiz Carlos Hauly, Sras. e Srs. Deputados, hoje é um dia muito importante para o Brasil, o dia em que comemoramos e lembramos os 21 anos do Plano Real. É lógico que aquelas pessoas que hoje têm 30 anos, 25 anos pouco ou nada se lembram daquele momento anterior a 1994.

Eu me lembro muito bem do Plano Sarney, no ano de 1986, um plano que transformou o cruzeiro em cruzado, um plano que queria estabilizar a moeda não com conceitos da macroeconomia, mas por decreto, por lei, por congelamento de preços. O Brasil viveu momentos de euforia. É lógico que o Plano Sarney era um plano populista — naquele momento a população talvez não entendesse —, e os preços foram congelados.

Eu naquela época era industrial, tinha uma indústria de produtos de limpeza. Então, de repente, por decreto se congelam os preços tanto no supermercado, como também na indústria. O povo naquele momento ficou contra os comerciantes, contra os supermercados. Hoje eu sou supermercadista.

O Governo Sarney conseguiu transformar o supermercadista, o comerciante, no vilão da inflação. Imaginem a minha situação! Todo mundo se lembra daquelas maquininhas etiquetando, remarcando os preços. Tinha-se a impressão de que aquilo era culpa do supermercadista; não era culpa do Governo.

Passado 1 ano, quando fracassou o Plano Cruzado e vieram outros planos, todos populistas, um grupo de brasileiros — estou falando agora de 1994 — surge com o Plano Real do Fernando Henrique Cardoso. Que brasileiro, por mais otimista que pudesse ser, acreditava que esse plano pudesse dar certo? Foram vários planos. Mas se alguém leu atentamente a sobre a consistência macroeconômica do plano — não havia nada de populismo —, teve a esperança que ele poderia certo. E deu certo!

O Brasil viveu durante 8 anos, de 1994 até 2002, em equilíbrio econômico, arrumando a economia e preparando o País para um grande momento. Esse grande momento surgiu entre 2003 e 2008 e começou pela China, que crescia em média 16% ao ano, pela Europa e pelos Estados Unidos. O Brasil nesse momento passou a ser governado pelo Governo populista e corrupto do Presidente Lula.

Vejam os senhores: o mundo começava a crescer, e o Brasil também cresceu, não acompanhou o

crescimento mundial, mas foi ali que começou a se instalar o maior processo de corrupção no País: o mensalão e o petrolão. Todos os dois, por coincidência, a partir de 2003. E vivemos momentos muitas vezes de euforia no Brasil, que cresceu 7%, como foi o caso em 2010, para eleger a Presidente Dilma. Vivemos um momento de ilusão!

Toda aquela poupança oriunda do crescimento mundial que o Brasil acumulou, em vez de gastar na infraestrutura, na produtividade, gastamos em quê? No aumento do custeio, no aumento da máquina pública, no aumento dos apadrinhados do Partido dos Trabalhadores, para manter um projeto de poder idealizado pelo hoje condenado José Dirceu, que talvez de novo esteja na cadeia.

Veja a situação em que hoje estão todas aquelas pessoas que fizeram e projetaram o Plano Real. Veja como estão aqueles que governaram o Brasil de 2003 aos dias de hoje, muitos deles presos na cadeia, Ministros, ex-Ministros, Deputados, tesoureiro do partido.

Sr. Presidente, para concluir, quero dizer como é bom governar para o Brasil e governar para o futuro.

Veja a situação em que se encontra Fernando Henrique Cardoso hoje. No discurso dele há uma frase,

para mim, memorável, que ele falou inclusive na nossa convenção, há 10 dias: “Em determinado momento eu perdi a popularidade, mas jamais perdi a credibilidade”.

Eu acho essa frase de uma atualidade muito grande, porque é verdade: foram 10 anos, 12 anos em que o Governo do PT queria mostrar que o Governo Fernando Henrique não tinha sido um governo bom. Hoje o Brasil reconhece, porque, muitas vezes, infelizmente, os políticos são reconhecidos depois.

Agora o Brasil sabe distinguir aquele que criou o Plano Real, aquele que estabilizou a moeda, aquele que colocou o Brasil nos rumos do crescimento daquele que criou uma máquina perversa de corrupção para o Brasil. Nós, as próximas gerações, vamos pagar, pelo menos por 5 anos, essa conta malvada que deixou o PT para os brasileiros.

***Muito obrigado, Sr. Presidente.***

## Deputado João Campos (PSDB-GO)

Sr. Presidente, Deputado Luiz Carlos Hauly, economista, político que tem uma história que orgulha a todos nós no Paraná e aqui no Parlamento brasileiro, parabéns a V.Exa. por esta iniciativa!

Coisas que marcam a sociedade brasileira, que marcam nossa história, merecem de fato sessão solene para serem lembradas. V.Exa., com essa iniciativa, não permite que qualquer brasileiro e as novas gerações esqueçam aquilo que foi um marco da nossa história.

O Plano Real e a consequente adoção de uma nova moeda, que foi o Real — são duas coisas que estão irmanadas —, foram um marco na vida dos brasileiros.

Isso só foi possível porque o Presidente da República à época, Itamar Franco, de saudosa memória, era um homem que gozava de credibilidade; era um homem que gozava de respeito pelas forças políticas; era um homem simples, um homem sem bravatas, um homem que tinha consciência do papel que ele exercia como Chefe de Estado, como

Presidente da República do Brasil. Na sua inteligência, escolheu, com sabedoria, um bom Ministro da Fazenda, um sociólogo: Fernando Henrique Cardoso.

A credibilidade e a facilidade desses dois homens de dialogar com os diversos setores da sociedade brasileira é que construíram o ambiente para que o Brasil tivesse a oportunidade de ter novos fundamentos para a sua economia, ter um novo momento da sua economia que garantisse dignidade ao trabalhador, ao empresário, ao líder classista, ao líder sindical, para que nós tivéssemos, de fato, um novo momento de dignidade de vida.

Ora, os planos antecedentes tinham uma marca, a marca da surpresa, de serem elaborados na calada da noite, de ninguém tomar conhecimento, e eram anunciados como que se fossem anunciados por quem tinha sabedoria, luzes, muito além do conjunto dos estudiosos da época e de quem vivia o cotidiano da sociedade.

Esse foi o grande diferencial do Plano Real, que culminou com o Real, a nossa moeda. Não foi trabalhado na calada da noite; não teve o elemento surpresa; não foi feito a portas fechadas, apenas com duas, três pessoas, economistas inteligentíssimos, achando que tinham uma solução mágica. Não. A construção se deu com conhecimento da sociedade,

envolvendo sociólogos, economistas e outras inteligências da Nação à luz do dia.

A partir da divergência, buscou-se a convergência, e isso gerou confiança e credibilidade. Quando chegou o momento de anunciar o novo plano, não havia surpresas; a sociedade não foi correr ao banco para sacar dinheiro. Não. Havia um ambiente de expectativa, mas, ao mesmo tempo, de confiança. Esse foi o principal pressuposto do novo plano, chamado Plano Real, que culminou na moeda que nós estamos festejando hoje, que é o Real.

Essa moeda, fruto desse plano, é que deu condições ao Brasil de viver um novo momento em termos de geração de empregos, de viver um novo momento em termos de empresários e Governo honrarem compromissos, honrarem contratos, tanto do ponto de vista interno quanto do ponto de vista internacional, e deu condições ao trabalhador, ao cidadão humilde, ao cidadão que depende 100% do Governo, em razão, quem sabe, de um salário pequeno ou coisa dessa natureza, embora não sendo servidor público, de planejar a sua vida e da sua família, inclusive quem ganha um mísero salário mínimo.

Eu penso que planejamento passou a ser inserido na vida do brasileiro a partir do Plano Real e do nosso Real enquanto moeda. Ora, antes disso nós

tínhamos uma inflação de três dígitos ao mês — ao mês! Não tinha como planejar nada, nem o trabalhador, nem o servidor público, nem o empresário. Não era possível planejar. Agora, não. Começa uma nova caminhada, e essa possibilidade de você planejar um mínimo para a sua vida e para a vida da sua família representa dignidade.

Nós não podemos perder mais isso, Deputado Haully. Não.

Felizmente nós tivemos o Presidente Itamar Franco, com o Ministro da Fazenda Fernando Henrique muito bem articulado com os diversos setores da sociedade. Itamar Franco passa a ser sucedido pelo seu Ministro da Fazenda, Fernando Henrique, um homem que também não era de bravatas, não era populista, enfim, era um bom político: honesto, decente, que respeita o povo, que respeitava a Oposição. Por isso foi Presidente por duas vezes.

Depois, infelizmente, o Brasil passou a viver outro momento, que foi de desconstrução desse processo. Se esse processo da nossa economia, da estabilidade, não estivesse consolidado, ele já teria ido não sei nem para onde. Tinha se exaurido, tinha ido para o brejo.

Tinha se exaurido, acabado. Mas, dada a sua solidez, por mais que tenha havido governos populistas, irresponsáveis, como o Governo do então Presidente Lula e o Governo da Dilma — rejeitado por 91% dos brasileiros, reprovado por 91% dos brasileiros —, que não têm o ingrediente principal, que é a credibilidade e a confiança, não se destruiu totalmente. Graças à força do povo brasileiro, a estabilidade ainda está mantida, embora a inflação esteja subindo.

Esta sessão solene, Deputado Haully, nos conduz, não só o Parlamento, mas a sociedade brasileira, os jovens enfim, a uma reflexão: todos nós precisamos ter muita responsabilidade para zelar por isso que representa, portanto, um patrimônio nosso, que representa dignidade também para o futuro.

Dessa forma, quero concluir minha fala lembrando aqui, Deputado Haully, um homem que era muito simples, mas que deu uma lição em termos de governança para um cientista da sua época. O cientista da época era Moisés, e seu sogro, Jetro, era um nômade do deserto.

Moisés estava dirigindo o grande povo hebreu, tirando-o do jugo do faraó do Egito. Moisés era tudo: era juiz, era governador, era delegado, era tudo. Ele não dava conta; estava para morrer. O sogro dele, que era um nômade do deserto, disse:

*“Moisés, para você dirigir bem o povo, eleja, sobre o grupo de pessoas, homens para dirigir, para governar, sobre o grupo de pessoas. Sobre esses homens que você vai escolher, você deve obedecer quatro pressupostos. Primeiro: que sejam capazes. O governo não pode ser incompetente, mas capaz. Segundo: que sejam tementes a Deus. Terceiro: que não sejam avarentos, porque avarento é corrupto, faz qualquer coisa por dinheiro. E, por último: que tenham caráter.”*

***É só disso que o Brasil precisa.***

***Muito obrigado.***

## Deputado Izalci (PSDB-DF)

Sr. Presidente, Deputado Luiz Carlos Hauly, eu não poderia deixar aqui de manifestar minha alegria e parabenizá-lo pela iniciativa de realizar esta sessão solene em comemoração ao aniversário de 21 anos do Plano Real, um plano que mudou o Brasil.

Fernando Henrique e Itamar Franco realmente mudaram a história deste País, plantaram não só o Plano Real, mas toda a Lei de Responsabilidade Fiscal, e isso ajudou demais o Brasil. Mas, infelizmente, nestes últimos 13 anos, houve realmente quase uma destruição. Não se plantou absolutamente nada. Colheu-se tudo.

Nós esperávamos que, depois da estabilidade econômica, depois do Plano Real, os próximos governos pudessem evoluir um pouco mais em termos de qualidade, em termos de transparência. Mas aconteceu exatamente o contrário: surfaram, aproveitaram essa oportunidade e, em vez de plantarem e continuarem o crescimento do País, gastaram tudo o que podiam.

Infelizmente, no Brasil, agora, para retomarmos aquele ponto do Plano Real, vamos enfrentar sérias dificuldades durante muito tempo.

Eu quero aqui realmente parabenizar V.Exa. pela iniciativa e dizer da minha alegria em participar deste momento histórico de saudar aqui o nosso eterno Presidente, esse, sim, um estadista do nosso País, que é Fernando Henrique Cardoso.

***Muito obrigado, Sr. Presidente.***

## Deputado Moroni Torgan (DEM-CE)

**P**rimeiro, Sr. Presidente, quero dizer que é uma satisfação muito grande estar nesta sessão de iniciativa de V.Exa, que demonstrou, durante sua atuação nesta Casa, ser um grande Parlamentar, que honra o povo do Paraná e especialmente o de Londrina, que sempre se recorda de V.Exa. com muito orgulho. Tenho conhecidos lá que o admiram, assim como o trabalho sério que V.Exa. faz.

Quero também dizer que, muitas vezes, o PT fala desses 12% no fim do Governo Fernando Henrique. Só se esquecem de dizer que os 12% cresceram porque o Lula foi eleito, e havia uma incerteza muito grande sobre o que o Lula faria. É por isso que a inflação subiu para 12%: porque todo mundo ficou aflito com a eleição do Lula e com o que seria do plano econômico. Felizmente, o Lula teve alguma responsabilidade e não destruiu o plano econômico de pronto. Só quero lembrar isso.

Na verdade, esses números que estão à frente de V.Exa. dizem tudo: uma inflação de 15 dígitos durante 21 anos antes do Plano Real, e de 3 dígitos durante 21 anos depois do Plano Real. Quer dizer, o Plano Real foi o grande plano econômico deste País. Há

que se ressaltar que o seu autor foi Fernando Henrique Cardoso. Não podemos tirar o mérito dele. Quem fez o grande plano econômico deste País foi Fernando Henrique Cardoso.

Agora, infelizmente, o que nós estamos vendo ultimamente é a inflação subindo cada vez mais. E, quando a inflação aumenta, o salário não acompanha. Na verdade, se a inflação diminui, o reajuste do salário passa a ser bom. Mas, quando a inflação aumenta, o reajuste de salário sempre fica abaixo da inflação, porque se reajusta o salário pela inflação do ano anterior. Se neste ano a inflação aumentou, o reajuste já não foi o suficiente; no ano que vem, se ela aumentar de novo, vai-se mais uma vez reajustar o salário pela inflação do ano anterior.

Felizmente, na época do Plano Real, nós tínhamos uma inflação em um dígito. Eu me lembro disso e do terror que era viver antes do Plano Real. Era um terror! As pessoas não podiam comprar nada a prazo, porque muitas vezes se elas deixassem de pagar durante 2 meses, 3 meses, a prestação já ficava maior do que o custo total do produto. Imaginem isso!

Quer dizer, se eu comprasse um produto, por exemplo, um fogão por mil reais, e deixasse de pagar durante 2 meses, 3 meses, a inflação já fazia a

prestação chegar a mil reais, a 1 mil e 5 reais, a 1 mil e 10 reais.

Ou seja, a prestação ficava maior do que o preço do produto. A situação era um inferno antes do Plano Real! A partir do Plano Real o Brasil teve oportunidade de se organizar, de retomar todas as suas condições econômicas.

É claro que o Brasil é um país mundial, até pela sua extensão, pelo seu número de habitantes, pela sua economia, mas não pelos Governos que aí estão, não. Esses Governos estão acabando com o nosso País. Por exemplo, o Governo reduziu em 30% as horas de trabalho dos trabalhadores. Como é que pode um negócio desses, Presidente Luiz Carlos Hauly! O Governo faz isso, inclusive, todo feliz, dizendo que esse é o jeito de preservar o emprego. Sabem o que é reduzir em 30% a jornada de trabalho dos trabalhadores? É tirar o dinheiro que eles tinham para comer, porque o resto já está comprometido com aluguel, prestações, escola, energia, que subiu mais de 100%. Quer dizer, o dinheiro que o trabalhador tinha para comer a Presidente Dilma quer tirar.

Portanto, que nós neste momento possamos refletir e perceber que realmente Fernando Henrique Cardoso foi o grande artífice da estabilidade da economia. E o Plano Real, se não fosse tão robusto e

tão bem assentado na economia, já estaria destruído. Mas se as coisas continuarem nesse rumo complicado, estamos correndo um risco muito grande de ver a inflação voltar a ser de dois, três dígitos.

***Parabéns, Deputado Luiz Carlos Hauly! Que  
seja dado o crédito pela estabilidade do Brasil a  
Fernando Henrique Cardoso!***

## Deputado Nilson Leitão (PSDB-MT)

**S**r. Presidente, Deputado Luiz Carlos Haully, primeiro, quero parabenizar V.Exa. pela iniciativa. Um país que perde a sua história, fatalmente perde também a sua memória.

Com certeza todos os oradores já fizeram referências importantes ao Plano Real, mas quero trazer à lembrança um pequeno fato: o Brasil, antes do Plano Real, era um país inseguro, um país sem futuro para o trabalhador e também para os investidores, um país cuja moeda não existia. Vários planos foram tentados antes do Plano Real. Todos eles sucumbiram — todos eles!

O Plano Real veio, de fato, em um momento novo no Brasil, quando uma equipe, comprometida com a seriedade e, acima de tudo, com a permanência de um futuro, ou com a expectativa de um futuro, acreditou que o plano daria certo; e deu. Foi o maior programa de transferência de renda da história do Brasil contemporâneo.

Eu não tenho dúvida de que o Plano Real veio se somar a outras atitudes que fizeram o Brasil mudar, como, por exemplo, a Lei de Responsabilidade Fiscal.

Se o Plano Real estabiliza a moeda e acaba com a inflação, a Lei de Responsabilidade Fiscal veio para poder impedir os gestores brasileiros de gastarem mais do que arrecadam.

É uma pena que o Brasil de hoje não tenha entendido, não tenha compreendido o espírito do Plano Real e, muito menos, da Lei de Responsabilidade Fiscal, e tenha acabado desgastando as duas coisas.

Então, a minha palavra aqui é breve. Quero apenas parabenizar V.Exa. e fazer uma referência e uma reverência ao nosso querido ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso, que, como Ministro do ex-Presidente Itamar Franco, com a sua liderança, com a sua equipe, com a sua estrutura, conseguiu implantar um novo momento para o Brasil e dar oportunidade — acho que o Plano Real foi o plano da oportunidade — aos brasileiros de poderem melhorar a sua vida e viver em um país melhor.

É uma pena que hoje o Governo brasileiro, tanto o da Presidente Dilma quanto o do Presidente Lula, apenas abusou de uma moeda forte e está cada vez mais a desgastando, trazendo para o Brasil esse passado, que foi um monstro, que foi um grande sofrimento e que nós não queremos mais viver. Com certeza absoluta, esse tempo só vai se acabar ao finalizar também o momento do Governo que aí está.

***Parabéns! Que Deus abençoe o Brasil e a  
nossa moeda!***

## Deputado Darcísio Perondi (PMDB-RS)

Sr. Presidente, em primeiro lugar, parabéns por solicitar a realização desta sessão para — é importante registrar — lembrar, refrescar a memória dessa juventude e também orientá-la sobre o que foi o Plano Real. Então, parabéns, Deputado Luiz Carlos Hauly! V.Exa. é um Deputado extraordinário.

Em segundo lugar, quero trazer à memória o Itamar Franco, numa homenagem póstuma a ele, que deu condições, deu asas ao seu então Ministro das Relações Exteriores, que virou Ministro da Fazenda, para montar uma equipe extraordinária de técnicos, que, de forma silenciosa, discretíssima, elaborou o Plano Real. E aí eu falo dessa figura maravilhosa, extraordinária, inteligente, um exemplo, pensador, estudioso, administrador de conflitos com maestria, que é Fernando Henrique Cardoso, que foi o líder disso. E nós quebramos a espinha da inflação, que era um câncer; ainda é, mas foi quebrada. Ninguém acreditava nisso!

As pessoas recebiam o seu salário e na mesma hora corriam para o supermercado, porque no outro dia já compravam 1 quilo menos; no outro dia, 1 quilo

menos; no outro dia, 1 quilo menos; na metade do mês já não compravam mais.

O salário já encerrava no metade do mês, porque a inflação comia o valor do dinheiro e o valor do salário. E todo mundo — a indústria, o comércio — aumentava os preços; e sobrava fortemente também para o assalariado. E quem sofre com a inflação?

É óbvio que é quem investe: as empresas, etc. Porém, quem mais sofre é o assalariado, é o pobre. Portanto, o Plano Real deu um choque na economia e valorizou o pouco recurso do assalariado. O plano foi algo extraordinário!

O Lula, no primeiro mandato, ainda conservou as metas, porque lá no seu Governo tinha um médico, o Antonio Palocci, que gostava de economia — eu, como médico, também gosto de economia —, mas, no segundo mandato, ele se perdeu. E agora estão tentando, mas o dragão da inflação está chegando; não como antes, mas está chegando.

Esta Casa tem responsabilidade. Eu vi nos últimos 60 nós votarmos dizendo: “Vamos votar só para derrubar o Governo”; “Vamos votar porque o Governo da outra vez era contra, agora não podemos ser”. Esta Casa tem responsabilidade também.

Eu votei contra o fator previdenciário, e estou reavaliando a minha posição. Esta Casa tem que ter responsabilidade! E sabem quem deu esse recado para nós domingo retrasado por meio dos jornais do País? Foi Fernando Henrique Cardoso, o pai do Plano Real, junto com Itamar Franco. Nós, nesta Casa, temos que ter responsabilidade com a precária e assustadora situação da economia brasileira.

Viva o Plano Real! Viva toda a equipe de técnicos, o Itamar Fraco, que está no céu, e o Fernando Henrique Cardoso, que ainda está nos iluminando, aqui na terra, com a sua luz de conhecimento!

***Um abraço. Obrigado.***

## Deputado Marcus Pestana (PSDB-MG)

**S**r. Presidente, Deputado Luiz Carlos Hauly, cheguei agora diretamente de Minas, a tempo de cumprimentá-lo por esta feliz iniciativa de comemorar a maioridade do Plano Real.

Dizia um grande economista que a hiperinflação torna o orçamento familiar uma peça de humor negro, e o orçamento público uma peça de ficção científica. Nada seria possível se as bases do Plano Real não estivessem lançadas e consolidadas.

A inflação inibe qualquer tipo de investimento sustentável, qualquer perspectiva de previsibilidade, de visão de longo prazo. E é importante que os trabalhadores e as donas de casa tenham claro isto: a inflação, a hiperinflação — as portas a que chegamos da hiperinflação — impedem qualquer tipo de distribuição de renda. Na inflação sempre quem se protege são os mais ricos e sempre quem perde são os mais pobres.

Então, tudo o que nós vivemos nos últimos tempos — as conquistas todas no desenvolvimento

sustentável e na distribuição de renda — só foi possível graças ao Plano Real.

Deixo isso registrado nesta sessão de homenagem aos 21 anos do Plano Real, iniciativa do Deputado Luiz Carlos Hauly, que é uma pessoa historicamente comprometida, com uma visão séria de responsabilidade fiscal e de seriedade na condução da política econômica.

Parabenizo V.Exa., Sr. Presidente, pela realização desta sessão solene para celebrar o aniversário de maioria do Plano Real.

O Brasil vive momentos delicadíssimos. Que nós não percamos o rumo e não joguemos fora a semente plantada em 1994 por Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso.





